

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Popular

Class.: 88

Data: 27.01.85

Pg.: \_\_\_\_\_

<sup>44/88</sup>  
**Clima na aldeia  
São José agora é  
de expectativa**

A suspensão da demarcação que os índios vinham fazendo para delimitar a área dos Apinajé e a fixação da data de 31 próximo para o início dos trabalhos propriamente ditos pelas autoridades estabeleceram um clima de expectativa no palco do conflito - o município de Tocantinópolis. Todas as atenções estão, agora, voltadas para as providências que forem adotadas para aquela data. Ontem houve uma grande concentração popular em Tocantinópolis, com duras críticas à Funai. (Página 10)



*Facão à cabeça, a Índia Apinajé dispõe-se também a lutar em defesa da terra*

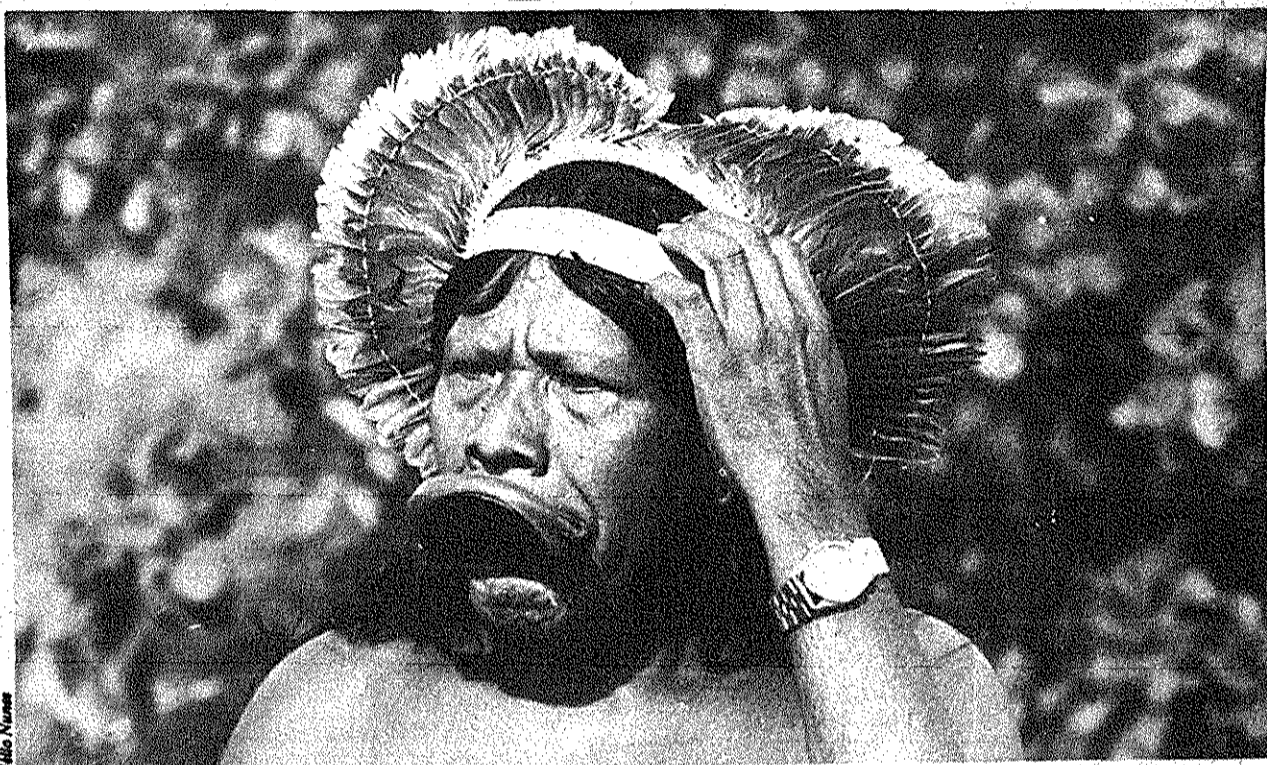
# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

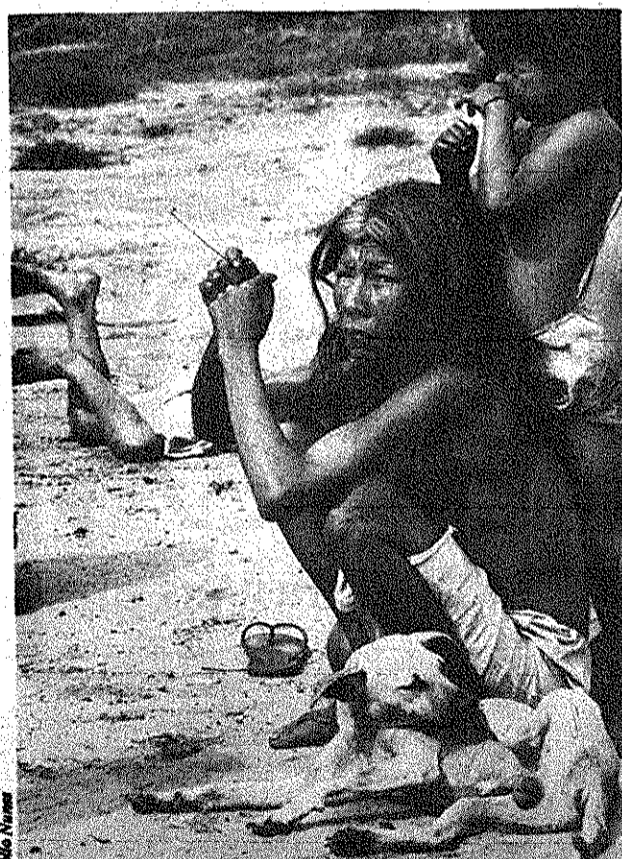
Fonte: O Popular (Go) Class.: 88 (cont.)

Data: 27.01.85 Pg.: \_\_\_\_\_

# José Freire acusa Funai de irresponsabilidade



Raoni, cacique: "Meu coração está triste. Não quero que meu povo machuque ninguém"



Na aldeia, a espera da decisão do dia 31

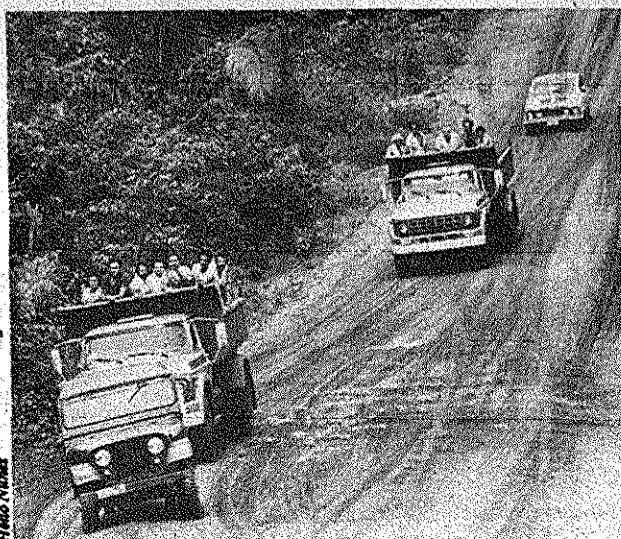
## Camio não agitou, dizem testemunhas

Brasília - O padre Aristides Camio não promoveu qualquer tipo de agitação na região Norte de Goiás, onde atualmente se registra clima de tensão em decorrência do conflito pela posse de terras entre os índios Apinajé e brancos, mesmo porque não teve tempo para isso nem conversou com ninguém, afirmaram ontem as jornalistas Sandra Carvalho e Memélia Moreira.

O presidente da Funai, Nelson Marabuto, havia informado, sexta-feira, que o padre francês havia sido identificado ainda na escala feita pelo avião da Funai, no qual viajavam também as jornalistas, e que a partir daí foi seguido pelos órgãos de informação.

Marabuto afirmou, ainda, que havia recebido informações de que Camio chegou a Tocantinópolis falando que os índios poderiam atacar a cidade.

Não houve tempo para isso, segundo as jornalistas, pois elas e o padre haviam chegado já à noite no Posto Indígena São José, onde pernoitaram, seguindo logo pela manhã seguinte a Tocantinópolis e dirigindo-se imediatamente à prefeitura local. Como não encontraram o prefeito, decidiram almoçar. Antes que tivessem contato com qualquer pessoa de Tocantinópolis, onde não conheciam ninguém, o padre foi abordado pelo delegado Lima, que lhe exigiu identificação.



Quinta-feira: a ameaça que ainda permanece

Fonte: O Popular (Gr) Class.: 88 (cont.)

Data: 27.01.85 Pg.: \_\_\_\_\_

*cont.*

Contra os índios sim, mas principalmente acusando a Funai e a Companhia Vale do Rio Doce de responsáveis pela pretensão dos Apinajé, de fixar seus domínios em 148 mil hectares. Este foi o caráter de uma das maiores concentrações públicas realizada na cidade, sem que houvesse sido feito qualquer trabalho de propaganda, anteontem à noite. Lideranças políticas da região, três coronéis da Polícia Militar e o secretário de Segurança Pública, José Freire, falaram a um público de mais de 600 pessoas, que se acomodaram com dificuldade em um salão da cidade.

Apesar de o secretário José Freire fazer uma preleção contra o movimento armado desencadeado espontaneamente na quinta-feira passada, os proprietários de terra e outras lideranças políticas da região não se convenceram. Como os índios, eles estão dispostos a ir às armas, caso os índios insistam em seus propósitos. A cada inflamado discurso convocando a população a resistir, os aplausos manifestavam a disposição dos brancos de Tocantinópolis.

Para participar da reunião do "Grupo", no dia 31, quinta-feira próxima, em Brasília, (quando vão tentar solucionar o problema o ministro para Assuntos extraordinários, Danilo Venturini, o ministro do Interior, Mário Andreazza, o presidente da Funai, Nelson Marabuto, o presidente do Getat, Iris de Oliveira e algumas outras autoridades ligadas ao problema) o secretário José Freire propôs a formação de uma comissão. E duas comissões foram formadas: uma de parlamentares e outra de lideranças da região.

Da primeira comissão, participam os três senadores eleitos por Goiás, os deputados federais José Freire e Silveira Campos, os deputados estaduais Brito Miranda, Maranhão Japiassu e o governador Iris Rezende. Da segunda comissão participam os prefeitos de Tocantinópolis e Araguaatins, o ex-deputado pelo PDS Alziro Gomes, o vereador José Bonifácio e algumas outras pessoas residentes na cidade e ligadas a esta questão.

A reunião de anteontem à noite terminou com ares de vitória da reivindicação dos brancos. Todos os oradores, inclusive o secretário, defenderam a fixação da área em 85 mil hectares. Freire foi incisivo em suas críticas à Funai, acusando-a de "irresponsável". Ele contou na reunião que "há uma semana venho pedindo a presença de Marabuto (o presidente da Funai) na região". O argumento do secretário de Segurança Pública é de que a presença de Nelson Marabuto "é muito mais importante do que a da força pública".

Como fez em outras ocasiões, Freire deu ênfase à presença do padre francês Aristides Camilo, preso na quarta-feira, depois de visitar a Aldeia São José. "Constatamos a presença de uma caravana estranha e indesejável" referindo-se não apenas ao padre como também às jornalistas Memélia Moreira, da Folha de São Paulo, e Sandra Carvalho, de O Globo. Freire, insistindo em lembrar o episódio, acusou Camilo de "conseguir desarmar o presidente Figueiredo com o vice, Aureliano Chaves", referindo-se à negativa de Aureliano em assinar a expulsão do padre francês, em consequência do conflito entre posseiros e grileiros, na região do Araguaia-Tocantins. Freire, considerado "a última esperança" dos fazendeiros, terminou seu discurso repetindo um slogan criado pelos movimentos populares e organizações de esquerda: "O povo unido jamais será vencido".

### A proposta que os brancos farão

Se depender das gestões do secretário José Freire junto aos órgãos federais envolvidos na polêmica questão da demarcação das terras dos Apinajé, no município de Tocantinópolis, a área a eles destinada será menor do que os 85 mil hectares já definidos em 1978 — mas não demarcados nem transformados em lei. Dois mapas, um com os 85 mil hectares e outro com uma área menor, estão em mãos de Freire e é o segundo que ele pretende apresentar como proposta a quem se dispuser a defender os proprietários de terra. O argumento é de que o primeiro mapa apresenta variações e, na verdade, alcança muito mais que 85 mil hectares.

A reunião de anteontem à noite apaziguou os ânimos mas não fez desaparecer a intenção. Na praça principal da cidade, uma placa da Funai, informando dos limites das aldeias São José e Mariazinha, estava perfurada a bala e não eram poucos os buracos provocados pelos tiros. Na cidade não se vê mais índios. Eles, que antes costumavam visitá-la de quando em vez, desapareceram de suas ruas.

#### REUNIÕES

A 19 quilômetros de Tocantinópolis, na aldeia São José, as reuniões das lideranças indígenas continuam. "Não dormi esta noite, dizia um deles na longa conversa que teve com os repórteres. A radicalização do conflito fez unir as duas aldeias Apinajé.

O superintendente da Funai, Gerson da Silva Alves, que está na aldeia desde o início da semana passada, crê que o que pode resolver a questão é a indenização das áreas em que ela é possível de ser feita. Ou seja, demarcar os 148 mil hectares ou diminuir-los apenas onde não houver condições de proceder à indenização justa. Gerson Alves falou pouco nestes dois dias (quinta e sexta-feira) de conflitos e tensões. E ele, como todos os que estão envolvidos na crise, apostam e esperam pelo dia 31.

A paz temporária, sujeita a incidentes e choques, permitiu à Polícia Militar diminuir o ritmo da vigilância no trecho da Transamazônia que dá acesso à aldeia. Não há branco que se disponha a ir à aldeia, nem mesmo para dirigir um táxi até às proximidades. Quem passou por esta experiência foi o filho do prefeito de Tocantinópolis, Lima, que, ao levar a equipe da televisão Brasil Central, foi reconhecido como o filho de José Sabóia.

#### INDESEJADOS

Os índios gravaram alguns nomes, que representam os brancos mais injustos e agressivos. Além do vereador José Bonifácio, que um dos caciques disse que, se houver guerra, vai "matar e comer os miolos", há o ex-prefeito de Araguaatins, João de Deus, responsável pela queima de casas de 18 famílias na aldeia Cocalinho. "Eles foram expulsas de sua aldeia e jogadas no meio da estrada", conta um cacique, "por João de Deus, Cruz e Zé Preto".

Na reunião que as lideranças indígenas fizeram para os repórteres, uma índia, quase sexagenária, de borduna na mão, disse que ia dizer algumas coisas "pra todo mundo da cidade saber". A velha índia falou do branco "que tá me apearando". "Não tem um que chora por nós. Nós é que descobrimos o Brasil e o branco agora quer tomar de nós. Eu já estou velha para esperar. Eu não quero briga". Houve silêncio na grande roda formada por quase todos os índios da aldeia São José e pelas lideranças dos Xerente, Kraó, Tchucarramãe, Canela, Xavante, Funió, Caiapó e Tchuxa.